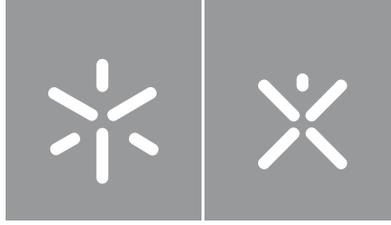




Universidade do Minho
Instituto de Educação

Gilda da Silva de Seixas

**Integração de Crianças Imigrantes
Brasileiras em Escolas Portuguesas:
Um Estudo Exploratório**



Universidade do Minho

Instituto de Educação

Gilda da Silva de Seixas

**Integração de Crianças Imigrantes
Brasileiras em Escolas Portuguesas:
Um Estudo Exploratório**

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Estudos da Criança - Supervisão,
Pedagogia e Interculturalidade na Infância

Trabalho efetuado sob a orientação da

**Professora Doutora Maria Cristina Cristo
Parente**

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



**Atribuição
CC BY**

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Agradecimentos

Agradeço a Deus por ter colocado pessoas maravilhosas em minha vida que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

Dirijo o meu sincero agradecimento à minha orientadora, Professora Doutora Cristina Parente, pela disponibilidade e paciência em me orientar ao longo desta dissertação. Não seria possível a realização deste sonho sem sua grande contribuição.

Agradeço a todos os professores que encontrei ao longo deste período em especial a Professora Doutora Maria Teresa Sarmiento, Professor Doutor Manuel Jacinto Sarmiento e a Professora Doutora Maria de Fátima Vieira.

A todos brasileiros imigrantes que participaram deste estudo.

Aos meus irmãos Gilson, Nelson, Marcio e Marcia por todo apoio, carinho e compreensão,

Aos amigos que ao longo do curso encontrei em especial Milene Alves, Denise De Carli, Ermelina, Jaqueline, Claudiane, Daniela, Maria, Claudia, Thatiane, Lucinda, Magda, Isabel Andrade Moliterno.

À minha mãe Maria Railda da Silva que me alfabetizou com muito amor, ao meu marido Sidnei Seixas que me incentivou a realizar este sonho, em especial ao meu filho que tanto amo Matheus Seixas que entendeu minhas ausências neste período de mestrado.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

INTEGRAÇÃO DE CRIANÇAS IMIGRANTES BRASILEIRAS EM ESCOLAS PORTUGUESAS

Resumo

A migração é o processo de mudança de país em busca de novas oportunidades, empregos, e melhores qualidades de vida. Brasileiros tem migrado para Portugal devido a facilidades como a língua do país e obtenção de cidadania Portuguesa. Essa dissertação de mestrado visa compreender a integração de crianças Brasileiras em escolas portuguesas, avaliando questões relacionadas à migração, adaptação, percepções e planos para o futuro. Para isso foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com catorze crianças, entre seis e dezessete anos, e onze pais. As entrevistas abordaram questões relacionadas à migração e adaptação das crianças nas escolas portuguesas e foram diferentes para crianças e pais. Os resultados foram avaliados através da análise de conteúdo das resposta. Os resultados indicam que o principal motivo da imigração das família é a busca por segurança. A maioria das crianças indicou estar bem integrada às escolas, mas relataram diversas situações de exclusão. Crianças e pais apresentaram dificuldades no relacionamento com os professores Portugueses, que é visto como menos pessoal e acolhedor em relação aos professores Brasileiros. Crianças e pais também compartilharam a percepção de que Portugal ofereceu melhores possibilidades de qualidade de vida e segurança para as famílias imigrantes. É recomendado que pais, professores e escolas optem por abordagens que considerem o multiculturalismo e a interculturalidade na inserção de crianças imigrantes, favorecendo assim a construção de uma sociedade mais justa e integrada. Este estudo é uma ferramenta importante para a elaboração de políticas públicas e a discussão de perspectivas de integração da criança imigrante dentro de escolas portuguesas.

Palavras-chave: Crianças imigrantes, Interculturalidade, Multiculturalismo.

INTEGRATION OF BRAZILIAN IMMIGRANT CHILDREN SCHOOLS

Abstract

Migration is the process related to moving to another country searching for new opportunities, jobs, and better life quality. Brazilians have been moving to Portugal due to facilities such as the language of the country and obtaining of Portuguese citizenship. This master's dissertation aims to comprehend the integration of Brazilian children in Portuguese schools, assessing issues related to migration, adaption, perceptions, and plans for the future. For this purpose, semi structured interviews were conducted with fourteen children between six and seventeen years old and eleven parents. The interviews included questions related to migration and adaption of these children in Portuguese schools and were different for children and parents. The results were assessed using statement analyzes. The results indicate that the main reason for the migration of the families is the search for safety. Most children indicated to be well integrated into the schools but also stated the situation of exclusion. Children and parents presented difficulties in the relationship with Portuguese professors, which is less personal and friendly than with Brazilian professors. Children and parents also share the perception that Portugal offered better life quality possibilities and safety to immigrant families. It is recommended that parents, professors, and schools opt for a multicultural and intercultural approach at the insertion of immigrant children, favoring the construction of a fair and inclusive society. This study is an important tool for the elaboration of public policies and for the discussion of integration perspectives of immigrant children in Portuguese schools.

Keywords: Immigrant children, Interculturality, Multiculturalism.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	10
2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	12
2.1 Migração e diversidade	12
2.2 Cultura	13
2.3 Multiculturalismo	14
2.4 Interculturalidade	15
2.5 Multiculturalismo e Interculturalidade no espaço escolar	17
3. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO	20
3.1 Inquietações iniciais	20
3.2 Delimitação dos sujeitos pesquisados	21
3.3 Objetivo Geral	22
3.4 Objetivos específicos	22
3.5 Entrevistas semiestruturadas e obtenção dos dados	22
3.6 Questões abordadas nas entrevistas	23
3.6.1 Guião da entrevista para as crianças	23
3.6.2 Guião da entrevista para os pais	24
3.7 Análise e discussão das respostas	24
3.8 Dificuldades da pesquisa	25
3.9 Questões éticas da pesquisa	26
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	27
4.1 Respostas das crianças	27
4.1.1 Perfil das crianças entrevistadas	27
4.1.2 Migração	28
4.1.3 Vida escolar	31
4.1.4 Vida social no meio escolar	32
4.1.5 Diferenças e desafios na vida escolar da criança imigrante	33
4.1.6 Sonhos e aspirações	38
4.1.7 Análise das Entrevistas às crianças	40
4.2 Respostas dos pais	40
4.2.1 Perfil dos pais entrevistados	40
4.2.2 Migração	41
4.2.3 Integração e vida social das crianças na escola portuguesa	43
4.2.4 Análise das entrevistas com os responsáveis	48
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

Anexo I - Consentimento56

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Perfil individual das catorze crianças entrevistadas para este estudo.	27
Tabela 2. Perfil dos pais entrevistados	41

1. INTRODUÇÃO

Desde o período da Pré-História o homem já se locomovia em busca de melhores condições de vida e um ambiente onde pudesse repousar e se alimentar, sendo que quando estes recursos se tornavam escassos, saía em busca de novos lugares para sua sobrevivência (Bae et al., 2017). Este padrão se repetiu historicamente, por vezes de maneira forçada, como a migração pelo comércio de escravos (Wit, 2014) ou de forma voluntária por diferentes tipos de necessidades, como a busca por novos territórios, oportunidades de empregos e mais recentemente, melhores condições de segurança (Patarra e Fernandes, 2011; Tolentino et al., 2011).

A migração contemporânea tem trazido diversas consequências positivas para os migrantes, uma vez que estes podem encontrar condições de vida mais seguras e estáveis, além de novas oportunidades de crescimento econômico e inovação (Castles, 2010). Emigrantes Brasileiros, motivados principalmente pela busca de uma maior segurança, tem migrado para outros países, com grande destaque para Portugal devido a facilidades como a língua falada e facilidade de obtenção de cidadania (Healy, 2011).

Os Brasileiros vivendo em Portugal tendem a se integrar na sociedade, incluindo a inserção de seus filhos em escolas locais. Essas crianças passam por um processo de adaptação que nem sempre é facilitado. Segundo (Ramos, 2008) o processo migratório é muito complicado, uma vez que envolve:

. . . rupturas espaciais e temporais, transformações diversas, nomeadamente mudanças psicológicas, físicas, biológicas, sociais, culturais, familiares, políticas, implicando a adaptação psicológica e social dos indivíduos e das famílias e diferentes modalidades de aculturação, constitui um processo complexo, com consequências ao nível de saúde física e psíquica e do stress psicológico e social. (p. 46)

Portugal também recebe pessoas de diversas outras nacionalidades, o que está relacionado a duas importantes frentes de integração do imigrante: o multiculturalismo, que tem a finalidade de respeitar todas as identidades e culturas e; a interculturalidade, que busca destacar o diálogo e o convívio como uma forma de desenvolvimento do ser humano (Candau, 2012; Hall, 2003).

Essas frentes são essenciais para a integração de crianças imigrantes em escolas, sendo um tema de grande importância a ser trabalhado por professores em contexto de sala de aula e

nas escolas Crianças Brasileiras possuem uma maior facilidade de integração devido a língua, porém encontram dificuldades com palavras com significados diferentes, além de diferenças culturais – esses desafios podem ser facilmente superados através de atividades e brincadeiras, facilitando a integração e acolhimento da criança na escola, e conseqüentemente na sociedade Portuguesa.

Considerando a inserção adequada da criança imigrante em escolas portuguesas, é necessário um maior entendimento dos processos de integração pelas escolas e pelas pessoas. Sendo assim, esta pesquisa teve como objetivo compreender a integração de crianças Brasileiras em escolas portuguesas. Para isso, foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com catorze crianças e onze pais Brasileiros morando em Portugal. As questões foram principalmente relacionadas ao protagonismo das crianças na mudança de país e a sua integração na escola portuguesa.

Essa dissertação está dividida em 5 capítulos, incluindo esta introdução. No segundo capítulo, é apresentado o referencial teórico incluindo tópicos essenciais para o desenvolvimento desse trabalho, como migração, diversidade e a importância do multiculturalismo e Interculturalidade em escolas. No terceiro capítulo, são descritos os métodos de coleta e análise de informações, enquanto o quarto capítulo é dedicado a descrição dos resultados e discussão. O quinto capítulo apresenta as considerações finais deste estudo, incluindo recomendações e propostas de pesquisas futuras.

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1 Migração e diversidade

A migração é um processo histórico presente na evolução da espécie humana (Bae et al., 2017). Em um contexto contemporâneo, migrar está intimamente relacionado a movimentos populacionais entre territórios, ou seja, indo de um país ao outro (Fernandes & Vasconcellos, 2005). A emigração e a imigração são processos relacionados e definidos respectivamente pelo ato de sair do próprio país e entrar em um novo para viver de maneira permanente ou temporária (Sayad, 1998).

Segundo o Relatório da Comissão Mundial Sobre as Migrações Internacionais (2005): “As migrações têm sido uma característica constante e influente da história da humanidade. Têm apoiado o processo de crescimento económico mundial, contribuído para a evolução dos Estados e das sociedades e enriquecido muitas culturas e civilizações” (p.5).

A imigração ou movimento imigratório ocorre por diversas razões, e geralmente envolve causas sociais, guerras, crises económicas, fenômenos atmosféricos, entre outras (Martins, 1986). As imigrações costumam ocorrer quando há um descontentamento severo desencadeado na região de origem, seja pessoal ou motivado por fatores externos, como a falta de segurança e oportunidades, e pobreza extrema (Milesi & Marinucci, 2005).

A imigração traz significados positivos e negativos para o imigrante, sendo relacionada ao sentimento de perda da pátria, de sonhos, de amigos e da família; além da insegurança relacionada ao recomeço em um novo país e ao medo de não ser aceito. Conforme Relatório da Comissão Mundial sobre as Imigrações Internacionais (2005), “as migrações podem ter consequências humanas significativas e emocionais, tanto entre os próprios migrantes como entre os membros da sociedade receptora”. (p.41).

Além disso, segundo Rocha-Trindade (2009, p. 20), “é fundamental acentuar a tônica da partilha e das relações entre grupos étnicos-culturais distintos, até porque a coexistência e a interação são frequentemente marcadas por sentimentos de estranheza, incompreensões recíprocas e, no extremo, conflito explícito e mesmo violência”.

Todavia, a imigração também traz a oportunidade para o aprendizado e respeito pela diversidade cultural, além da formação de uma cidadania ativa e consciente relacionada a questões mundiais (Tourinho, 2016). A imigração também está relacionada à movimentação económica do país receptor, além dos ganhos culturais e religiosos (Tolentino et al., 2011). Países com alta taxa de imigração são marcados pela diversidade étnica e cultural. Portanto, a imigração

pode não apenas melhorar condições de vida ao imigrante, mas também contribuir ativamente na estrutura demográfica, econômica e social do país (Tolentino et al., 2011).

Uma das maiores consequências desse fenômeno é a necessidade de convívio e respeito de pessoas de diferentes países, línguas e culturas. Nesse contexto, devem ser considerados como forma de integração e acolhimento do imigrante aspectos relacionados a cultura, ao multiculturalismo e a interculturalidade.

2.2 Cultura

A base de qualquer sociedade é a sua cultura, e tudo o que possa identificar o indivíduo em seu grupo social estará relacionado a ela (Santos, 2017). A cultura é desenvolvida através de aspectos de uma sociedade humana, como por exemplo, o estilo de vida, a organização social, a filosofia, a espiritualidade, a educação e a linguagem.

Segundo o Dicionário Michaelis (2021), cultura é o:

Conjunto de conhecimentos, costumes, crenças, padrões de comportamento, adquiridos e transmitidos socialmente, que caracterizam um grupo social. Conjunto de conhecimentos adquiridos, como experiências e instrução, que levam ao desenvolvimento intelectual e ao aprimoramento espiritual; instrução, sabedoria. Requite de hábitos e condutas bem como apreciação crítica apurada.

Sendo assim, a cultura é tudo o que caracteriza uma sociedade, incluindo sua língua, suas vestes, sua gastronomia, suas lendas e crenças e suas festas religiosas. Todo ser humano pertence a uma sociedade, sendo que pais, educadores, responsáveis, e outros membros do grupo repassam seus valores e ensinamentos, propagando assim a cultura local.

Segundo Santos (2017), “(...) Cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação”. No entanto, é importante refletir sobre a situação da pessoa imigrante, que tende a manter sua cultura, mas também associar os aprendizados da nova sociedade aos seus valores. Essa junção de culturas é necessária e muito rica para as pessoas e países envolvidos, pois envolve troca de conhecimentos, costumes, regras e valores.

Essa troca de culturas pode ser especialmente valiosa para crianças, que tendem a ser mais abertas e receptivas a novos conhecimentos e valores. Essa troca é essencial quando crianças de diferentes culturas se encontram no espaço escolar, sendo que educadores podem

atuar como mediadores dentro desse espaço de aprendizado. Para que essa troca de culturas ocorra de maneira fluida e efetiva, é necessário considerar os princípios do multiculturalismo.

2.3 Multiculturalismo

O multiculturalismo está relacionado ao encontro de várias culturas que dividem o mesmo espaço, sendo um acontecimento social relacionado a sociedade pós-moderna, que tem contatos e trocas mais frequentes e que ocorrem de maneira mais rápida. Sendo assim, o multiculturalismo é um movimento que visa compreender diferentes identidades e pertencimentos, além de entender os laços estreitos entre as diferentes culturas que levam a reflexão sobre as limitações e formas que se relacionam (Hall, 2003).

O ser humano sempre se movimentou buscando melhores condições de vida. No entanto, essas mudanças nem sempre ocorreram pacificamente, estando relacionadas a lutas entre raças, etnias, gêneros e religiões. Em um contexto histórico a monocultura, ou seja, a prevalência de uma única cultura, tendeu a ser preservada, com pouca junção cultural entre diferentes grupos.

Um exemplo clássico da monocultura é a relação histórica entre descendentes de escravos africanos e descendentes de colonizadores. Foi necessária muita luta e a liderança de pessoas como Martin Luther King Junior, Angela Davis e Nelson Mandela para que houvesse igualdade de direitos e preservação da cultura africana. Essas lutas também permitiram a junção de culturas, estando diretamente relacionadas ao multiculturalismo em diversas sociedades pelo mundo.

O multiculturalismo também foi importante em diversos momentos da história, como por exemplo durante a II Guerra Mundial, quando pessoas de diversas etnias, raças e religiões, dividiram o mesmo espaço, lutando muitas vezes em conjunto em busca de uma vitória em comum. Sendo assim, a convivência entre diferentes culturas não é uma questão recente, mas tem se intensificado nos últimos anos devido ao crescimento da imigração entre países.

Considerando essa convivência, é importante uma maior compreensão sobre o encontro de diversas culturas em um único espaço, sendo o multiculturalismo uma abordagem de respeito e inclusão. Stuart Hall foi um dos principais autores sobre o assunto, tendo abordado inicialmente pesquisas sobre a definição da identidade negra e questões de gênero, mas evoluindo seus estudos no campo do multiculturalismo. Segundo Hall (2003, p.52), “diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade original.”.

Sendo assim, o multiculturalismo surge como um conjunto de diversas culturas, que se encontram e dividem o mesmo espaço, sendo que as diferenças ficam armazenadas em cada indivíduo, pois cada pessoa é única (Santos, 2003). O multiculturalismo traz consigo o reconhecimento das diversas diferenças de cada indivíduo e é uma ideia de justiça, que enfatiza o direito de pessoas culturalmente diferentes, e reconhece e acolhe lutas contra a opressão imposta pelos grupos dominantes às minorias devido às suas diferenças culturais (Candau, 2008b). De forma geral, a ideia de multiculturalismo é uma resposta normativa às condições culturais predominantes de injustiça e desigualdade nas sociedades e tem como principal objetivo conservar as características particulares de cada indivíduo ou grupo, assim como o respeito entre as diferentes culturas garantindo igualdade para todos (Miranda, 2001).

O multiculturalismo é importante na vida de todo imigrante, uma vez que a integração de diferentes culturas pode levar a uma vida em sociedade em comum (Hall, 2003). No entanto, o multiculturalismo tem um significado ainda mais forte junto a crianças imigrantes, que trazem consigo valores singulares que foram adquiridos nos espaços escolar, familiar e social. É importante que educadores respeitem esses valores, para que a criança perceba que mesmo não estando em seu país de origem, sua experiência e história serão resguardadas. Uma excelente forma de ter em consideração o multiculturalismo em espaços escolares é através da interculturalidade.

2.4 Interculturalidade

A interculturalidade pode ser vista como um meio de vivenciar a cultura de outra pessoa, aprendendo com o outro e valorizando o respeito, a igualdade, a tolerância, a educação, a cidadania e os direitos humanos (Cortesão e Pacheco, 1991). Este tema tem ganhado cada vez mais destaque e relevância devido a diversificação cultural relacionada às migrações, assim como pela necessidade de interação e respeito.

A interculturalidade se refere à diversidade cultural na sociedade, sendo o encontro de duas ou mais culturas que interagem de maneira horizontal, ou seja, em uma abordagem igualitária e sem opressão (Cortesão e Pacheco, 1991). Portanto, a interculturalidade é uma necessidade real em sociedades que contam com pessoas de diferentes etnias, raças, gêneros e religiões, promovendo assim valores como a integração, tolerância e o respeito mútuo.

A interculturalidade reconhece o direito à diversidade, e defende o diálogo e a interação entre culturas, sendo fortemente influenciada pelo processo de imigração (Candau, 2008a).

Segundo Cortesão e Pacheco (1991), “A interculturalidade é um percurso agido em que a criação da igualdade de oportunidades supõe o conhecimento/reconhecimento de cada cultura, garantindo, através de uma interação crescente, o seu enriquecimento mútuo. (p. 34).

Uma das formas em que a interculturalidade busca integrar as diferenças é através da comunicação. A comunicação intercultural é definida como o estudo da comunicação entre pessoas cujas percepções culturais e sistemas de símbolos são suficientemente distintos para alterar sua comunicação, sendo seus principais componentes a linguagem e a comunicação verbal (Candau, 2008a). O estudo da comunicação intercultural tem como objetivo analisar e entender como pessoas de diferentes culturas se comunicam, produzindo uma diretriz que possa ajudar pessoas a se comunicarem melhor (Candau, 2008a).

Os estudos em comunicação intercultural geralmente partem das diferenças entre grupos culturais distintos, estudando a interação entre esses grupos. Comunicação e cultura são partes importantes da comunicação intercultural, sendo importante entender o significado dos termos "comunicação" e "cultura".

Comunicação é uma palavra derivada do termo latino “*communicare*”, que significa “partilhar, participar algo, tornar comum” (Rego, 2007, citado em Sousa, 2017). A comunicação ocorre com o fornecimento ou troca de informações entre duas ou mais pessoas, e ocorre através da fala, da escrita ou de sinais. Segundo Silva (2008):

A cultura constituída pelo conjunto de saberes, saber-fazer, regras, normas, interdições, estratégias, crenças, ideias, valores e mitos, que se transmite de geração em geração, reproduzindo-se em cada indivíduo, ela controla a existência da sociedade e conserva a complexidade psicológica e social. (p. 49)

A comunicação intercultural é especialmente importante para crianças no espaço escolar, facilitando o contato e integração entre diferentes culturas. É necessário que a criança imigrante seja ouvida e possa falar sobre suas experiências, ensinando e aprendendo sobre crenças, tradições, valores, conhecimentos, língua, e outros fatores relacionados a cultura.

Segundo Vieira (2011):

O termo interculturalidade descreve uma situação desejável onde as pessoas e grupos com práticas culturais convivem harmoniosamente, isto é, entram em diálogo, cooperam

e colaboram para o bem comum, se misturam e respeitam num mesmo espaço. O interculturalismo, em si, é um projecto político que levaria à interculturalidade. Trata-se de um repto para os nossos governos, já que até à data nenhuma sociedade conseguiu concretizar essa sociedade intercultural. (p.4)

É importante destacar que crianças geralmente passam a maior parte do tempo no espaço escolar. Sendo assim, é importante que educadores atuem como mediadores interculturais (Candau, 2008a). Ainda segundo a mesma autora (2008a):

É a partir daí, conquistando um verdadeiro reconhecimento mútuo, que seremos capazes de construir algo juntos/as. Nesta perspectiva, é necessário ultrapassar uma visão romântica do diálogo intercultural e enfrentar os conflitos e desafios que supõe. Situações de discriminações e preconceitos estão com frequência presentes no cotidiano escolar e muitas vezes ignoradas, encaradas como brincadeiras. (p.32)

Diferentes palavras como "multicultural" e "intercultural" foram usadas nos últimos anos para descrever as mudanças que têm acontecido na sociedade e refletem a presença de mais de uma cultura em um país. O multiculturalismo e a interculturalidade são de extrema importância nos processos de adaptação do imigrante, sendo que um dos locais com maior diversidade cultural, e conseqüentemente, maiores desafios, são as escolas que recebem crianças imigrantes.

2.5 Multiculturalismo e Interculturalidade no espaço escolar

A educação Multicultural surgiu em 1960, nos Estados Unidos, quando o movimento de igualdade de direito a educação entre pessoas Brancas e Negras ganhou força nos Estados Unidos. O principal objetivo dessa abordagem foi eliminar a discriminação através não apenas da inclusão de crianças Negras nessas escolas, como também da revisão dos currículos escolares (incluindo história e cultura do novo grupo), e a contratação de professores Negros e Pardos (Banks, 2008).

A educação multicultural vai além da inclusão de conteúdos relacionados as diferenças dos grupos étnicos, raciais e culturais, sendo um processo contínuo de desenvolvimento e integração de crianças de grupos minoritários. Ela tem o poder de promover a consciência e a valorização da diversidade como uma oportunidade de aprendizagem para todos, respeitando as

diferenças e desenvolvendo a capacidade de comunicar e incentivar a interação social (Candau, 2008b).

A educação multicultural tem como proposta uma educação de igualdade para todas as crianças, e é utilizada apenas para referir a passiva aceitação da diversidade. Já a educação intercultural é o processo dinâmico que promove a interação e o conhecimento mútuo entre diversas culturas que dividem o mesmo espaço escolar. A educação intercultural propõe que crianças de diferentes culturas possam conviver com interconexão através de diálogos e conscientização do papel das diferentes culturas na evolução da sociedade, sendo que os educadores e professores tem um papel fundamental nesse processo.

Segundo Banks (2002, p. 553), “(...) Os valores e comportamentos do educador influenciam fortemente as visões, concepções e comportamento das crianças”, ou seja, o educador tem uma grande contribuição na formação da personalidade e confiança da criança, sendo um elemento essencial na inclusão de diferentes grupos e culturas. Considerando que o espaço escolar é um dos primeiros lugares onde as crianças exercitam o convívio e a troca de experiências, é essencial que os educadores possam atuar como facilitadores entre crianças de culturas diferentes.

Sendo assim, é importante que os educadores estejam preparados para uma educação que considere o multiculturalismo e a interculturalidade, incluindo uma reflexão sobre as diversidades sociais, étnicas, culturais e religiosas encontradas no espaço escolar (Candau, 2011). Esse preparo e reflexão pode auxiliar não apenas na inclusão da criança imigrante, mas principalmente na troca entre culturas e experiências entre grupos diferentes.

Educadores que consideram o multiculturalismo e a interculturalidade precisam valorizar a inclusão não apenas em datas comemorativas, mas na troca de conhecimentos no cotidiano da escola. É necessário que esses profissionais entendam e promovam a igualdade de direitos para pessoas de diferentes culturas, pois essa diferença é importante para a ação educativa (Candau, 2008b).

Além disso, instituições de educação também devem favorecer e estimular práticas pedagógicas, atividades e currículos que promovam a aceitação de diferenças, inclusão e respeito. É importante que todos os envolvidos na formação da criança, incluindo pais, professores e instituições atuem em conjunto, oferecendo suporte para a construção de uma sociedade mais igualitária e justa.

A educação multicultural e intercultural é essencial para a inserção e acolhimento da criança imigrante nas escolas, e conseqüentemente, na sociedade do país. Segundo Freire (1997):

É preciso reenfatizar que a multiculturalidade como fenómeno que implica a convivência num mesmo espaço de diferentes culturas não é algo natural e espontâneo. É uma criação histórica que implica decisão, vontade política, mobilização, organização de cada grupo cultural com vistas a fins comuns. Que demanda, portanto, uma certa prática educativa coerente com esses objetivos. Que demanda uma nova ética no respeito às diferenças. (p. 79-80)

Freire (1979) também destaca a importância de aceitação e mistura de culturas, quando destaca que, “Cultura é tudo o que é criado pelo homem A cultura consiste em recriar e não repetir. O homem pode fazê-lo porque tem uma consciência capaz de captar o mundo e transformá-lo.” (p.16).

A educação intercultural é uma síntese do aprendizado das abordagens da educação multicultural, sendo que a imigração aumenta ainda mais essa diversidade (Candau, 2012). Essa abordagem é especialmente desejável na educação infantil, uma vez que expressa a crença de enriquecimento intelectual e cultural, refletindo em uma sociedade mais desenvolvida. Segundo Cortesão e Pacheco (1991, p.34), a educação intercultural “um percurso agido em que a criação da igualdade de oportunidades supõe o conhecimento/reconhecimento de cada cultura, garantindo, através de uma interação crescente, o seu enriquecimento mútuo”.

A integração adequada de uma criança imigrante na escola do novo país reflete em um adulto plenamente integrado à sociedade. Sendo assim, esse estudo se propôs a compreender a integração de crianças Brasileiras em escolas portuguesas, avaliando questões relacionadas à migração, adaptação, percepções e planos para o futuro.

3. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

Após realizar a abordagem teórica, que sustenta este trabalho, e esclarecer a compreensão dos conceitos teóricos estudados, este capítulo tem como objetivo apresentar algumas das questões investigadas. Para tanto, apresento os objetivos e os objetos de pesquisa, assim como os métodos de coletas de dados e procedimentos subsequentes de análise.

A pesquisa foi realizada em uma abordagem qualitativa, buscando analisar as informações narradas de forma organizada, baseando-se nas experiências de cada participante. Segundo Bogdan e Biklen (1994), uma pesquisa qualitativa analisa “. . . os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registados ou transcritos” (p. 48).

Sendo assim, nesta pesquisa os dados foram coletados da seguinte maneira:

- Observação não participante/indireta
- Entrevista semiestruturada (com crianças e pais)

Segundo Quivy e Campenhoudt (1998), na observação indireta “o investigador dirige-se ao sujeito para obter a informação procurada. Ao responder as perguntas, o sujeito intervém na produção da informação . . . Na observação indireta, o instrumento de observação é um questionário ou um guião de entrevista” (p.164).

Ao responder às questões, os sujeitos intervêm diretamente na geração da informação, a informação solicitada e a informação obtida, são: “o sujeito, a quem o investigador pede que responda, e o instrumento, constituído pelas perguntas a pôr.” (Quivy & Campenhoudt, 1998). Neste estudo, as informações analisadas foram fornecidas pelas crianças e pais por meio de entrevistas semiestruturadas ou semi-diretas, portanto o processo de observação neste estudo foi o indireto.

3.1 Inquietações iniciais

As inquietações iniciais do presente estudo surgiram a partir da experiência vivida por mim e minha família como imigrantes em Portugal. Quando imigrei meu filho de 8 anos foi matriculado em uma escola pública em Lisboa. A integração que ele recebeu foi feita de maneira excelente, sendo que os professores consideraram questões de multiculturalidade e interculturalidade na educação dele e de seus colegas.

Meu filho foi verdadeiramente acolhido na escola em Lisboa, e frequentemente estimulado a compartilhar suas experiências e aprendizados do Brasil. Em determinado momento, ele apresentou dificuldades com a língua (diversas palavras do português de Portugal e do Brasil possuem significados diferentes), e sua professora procurou ajudá-lo, integrando-o a aulas de reforço. Essa dedicação, assim como a influência de seus colegas, promoveram uma integração facilitada de meu filho a escola e a sociedade.

No entanto, nos mudamos para Braga, no norte de Portugal e a situação foi bastante diferente. Professores e funcionários não eram integradores, não oferecendo orientações às crianças recém-chegadas – nem mesmo em relação à localização de salas de aula ou espaços comuns aos alunos. Os alunos novos frequentemente sofriam com a falta de integração, sendo por vezes ameaçados verbalmente por alunos maiores e que já estavam na escola há mais tempo. Meu filho foi ameaçado por dois alunos do oitavo ano, que disseram que iriam agredi-lo caso o visse próximo a quadra esportiva. Nessa situação, orientei meu filho a buscar a diretora de turma, que apenas recomendou que ele evitasse essas pessoas.

Além disso, meu filho relatou diversas dificuldades com professores mais agressivos, que gritavam e se ofendiam com alunos que respondiam a perguntas de maneira errada. Esse comportamento começou a causar uma certa ansiedade no meu filho, que começou a ter receio em participar ativamente das aulas e até mesmo de tirar dúvidas referentes ao conteúdo ensinado.

Após essa experiência, tive contato com outros pais imigrantes Brasileiros que me relataram experiências similares – enquanto alguns tiveram seus filhos bem integrados, outros tiveram diversos problemas relacionados a dificuldades com os métodos de ensino, com a língua e até mesmo com o comportamento de professores e funcionários. Considerando que a minha experiência não era única, surgiu o sentimento de compreender mais profundamente como ocorre a integração de crianças imigrantes brasileiras em escolas públicas de Portugal.

3.2 Delimitação dos sujeitos pesquisados

Com o objetivo de compreender, explicar e analisar o processo de integração escolar de crianças brasileiras imigrantes em escolas públicas de Portugal, a socialização e integração destas crianças, são os objetivos deste estudo, bem como, o modo como os pais apreciam a integração de seus filhos na escola.

Diante disso, este estudo se concentra em compreender o processo de integração de crianças imigrantes Brasileiras em Portugal em idade escolar. Para um maior entendimento

desses processos, também foram consideradas as percepções dos pais dessas crianças, que puderam apresentar suas visões sobre a integração escolar da criança imigrante.

3.3 Objetivo Geral

O objetivo geral deste estudo foi conhecer as percepções de crianças e pais imigrantes brasileiros sobre a integração da criança em escolas públicas Portuguesas.

3.4 Objetivos específicos

- Conhecer as perspectivas das crianças brasileiras sobre o seu processo de integração nas escolas em Portugal.
- Evidenciar quais as principais diferenças no ensino e na escola descritas pelas crianças brasileiras em Portugal.
- Identificar a existência de conflitos culturais vividos pelas crianças brasileiras nas escolas que frequentam.
- Conhecer a perspectivas dos pais sobre o processo de Integração dos filhos nas escolas em Portugal.

3.5 Entrevistas semiestruturadas e obtenção dos dados

Para a coleta de informações e dados deste estudo, foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com crianças e pais imigrantes Brasileiros vivendo legalmente em Portugal. Uma entrevista é uma conversa onde uma das pessoas – o entrevistador – procura respostas de outra pessoa – a entrevistada, com objetivos particulares.

Existem vários tipos de entrevistas, frequentemente construídas em função do grau de estrutura. A entrevista semiestruturada é baseada em um roteiro flexível e pode conter perguntas abertas e fechadas, buscando alcançar uma maior profundidade nos dados coletados, bem como nos resultados obtidos. Segundo Laville e Dionne (1999, p.333), “Entrevista semi-estruturada é uma série de perguntas abertas feitas oralmente em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistador tem a possibilidade de acrescentar questões de esclarecimento.”.

As entrevistas foram realizadas com crianças brasileiras com idades entre 6 e 17 anos, todos matriculados em escolas públicas em Portugal e pais imigrantes brasileiros vivendo legalmente em Portugal. Além disso, um dos pais de cada criança também foram entrevistados. Os contatos com os pais das crianças foram estabelecidos através de um convite a participar deste estudo em redes sociais de Brasileiros vivendo em Portugal.

Todas as crianças foram entrevistadas na presença dos pais, porém os pais não responderam na presença dos filhos. Nas entrevistas foram considerados aspectos que estimulassem e promovessem o interesse, o pensamento e reflexão, favorecendo o envolvimento das crianças e dos pais.

Para o levantamento das discussões e respostas foi utilizado um gravador de voz de celular, para que nenhuma informação fosse perdida durante as entrevistas. Para Bogdan e Biklen (1994), "... as entrevistas longas são difíceis de captar de forma completa. ... Quando a entrevista é a técnica principal do estudo, recomendamos que usem um gravador" (p. 172).

3.6 Questões abordadas nas entrevistas

As entrevistas abordaram questões relacionadas à migração e adaptação das crianças nas escolas portuguesas e foram diferentes para crianças e pais. Procurou-se elaborar questões que se adequassem aos objetivos de investigação. Para isso foram elaboradas várias questões que foram aperfeiçoadas considerando os entrevistados (crianças e pais). É importante mencionar que as perguntas foram adaptadas em uma linguagem que a criança compreendesse melhor, especialmente as mais jovens. As questões das entrevistas para crianças e pais são descritas a seguir.

3.6.1 Guião da entrevista para as crianças

- 1 - Qual a sua idade?
- 2 - Em que estado brasileiro você nasceu?
- 3 - Com quem você veio para Portugal?
- 4 - Antes de vir para Portugal os seus pais conversaram com você? Explicaram que iriam mudar de País?
- 5 - Quando os seus pais falaram que viriam para Portugal, você tinha noção da distância entre os países?
- 6 - Qual sentimento você teve quando soube que iria mudar do Brasil para Portugal?
- 7 - O que você mais gosta em Portugal?
- 8 - O que você menos gosta em Portugal?
- 9 - Você gosta da escola?
- 10 - Você gosta dos professores?
- 11 - Você gosta dos funcionários?

- 12 - Você tem muitos colegas na escola?
- 13 - Você teve alguma dificuldade em fazer novos colegas?
- 14 - Seus colegas são Portugueses ou Brasileiros?
- 15 - Você sente alguma diferença desta escola em relação a sua escola no Brasil?
- 16 - Tem algo que você gostaria que houvesse nesta escola que havia na escola do Brasil?
- 17 - Houve alguma situação ou brincadeira que fizeram com você que não tenha gostado?
- 18 - O que você achou mais difícil na escola?
- 19 - O que você achou mais fácil na escola?
- 20 - Como você se vê quando não for mais criança?

3.6.2 Guião da entrevista para os pais

- 1 - Qual o motivo da migração?
- 2 - Na preparação da migração para Portugal, foi conversado com a criança?
- 3 - Você se lembra como foi a reação e a aceitação da criança?
- 4 - Você teve alguma dificuldade em matricular a criança?
- 5 - Como você sentiu a integração da criança?
- 6 - Houve algum contato dos colaboradores da escola ou funcionários explicando a estrutura, funcionamento, atividades que seriam realizadas ou cursos extras curriculares?
- 7 - Quais as diferenças sentidas da escola da criança em Portugal em relação a escola no Brasil?
- 8 - Você observou se seu filho teve algum conflito?
- 9 - Você verificou se seu filho teve alguma dificuldade ou teve facilidade em se integrar?
- 10 - Você acha que os colaboradores da escola contribuíram para a integração de seu filho no ambiente escolar?
- 11 - Você sente que a escola foi acolhedora com seu filho?
- 12 - Você acha que seu filho está integrado na escola atualmente como era integrado na escola no Brasil?

3.7 Análise e discussão das respostas

As entrevistas realizadas com as crianças, pais ou responsáveis foram gravadas e posteriormente transcritas. As transcrições foram realizadas pela própria pesquisadora, que transcreveu literalmente a fala da criança e do responsável. As respostas levantadas foram

analisadas em uma abordagem qualitativa, utilizando a análise de conteúdo para a interpretação das informações.

A análise de conteúdo é compreendida “como um conjunto de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a busca do sentido ou sentidos de um documento” (Campos, 2004, pp. 611) e inclui diversas técnicas para avaliação de dados qualitativos, visando uma maior compreensão sobre as informações coletadas (Campos, 2004, pp. 611, 613). Segundo Bardin (1977), esse tipo de análise permite que o texto dito ou escrito possa ser analisado de forma sistemática, com um maior aprofundamento sobre as informações coletadas.

Ao se realizar uma análise de conteúdo, é necessário não apenas uma leitura dessas informações, mas uma identificação de questões e tópicos pertinentes. “Pouco a pouco a leitura vai se tornando mais precisa, em função de hipóteses emergentes, da projecção de teorias adaptadas sobre o material e da possível aplicação de técnicas utilizadas . . . A primeira atividade consiste em estabelecer contactos com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações” (Bardin, 1977, p.96).

Visando uma maior compreensão sobre as informações coletadas, as respostas obtidas nas entrevistas foram agrupadas por tópicos em comum. Esse agrupamento foi feito considerando não apenas as similaridades entre as respostas obtidas, mas também as divergências entre as falas dos entrevistados a cada pergunta realizada.

Com base nos objetivos da pesquisa e nos conteúdos das entrevistas foram identificados tópicos pertinentes para o estudo sobre a adaptação de crianças Brasileiras em escolas portuguesas, assim como perspectivas futuras. Excertos das respostas também foram selecionadas para exemplificar situações vividas, com destaque para relatos que pudessem contribuir para responder aos objetivos desta pesquisa.

3.8 Dificuldades da pesquisa

As entrevistas deveriam ser conduzidas em encontro presencial com pais e crianças, o que contribuiria significativamente nas observações dos entrevistados. No entanto, esses encontros não foram realizados devido às recomendações de isolamento social devido a pandemia da COVID-19. Sendo assim, as entrevistas foram conduzidas de maneira virtual por WhatsApp ou telefone.

3.9 Questões éticas da pesquisa

Para realização deste estudo, foi garantido a todos os participantes o anonimato das informações recebidas através das entrevistas, assim como que os dados coletados seriam utilizados apenas para este estudo. Segundo Bogdan e Biklen (1994) “As identidades dos sujeitos devem ser protegidas, para que a informação que o investigador recolhe não possa causar-lhes qualquer tipo de transtorno ou prejuízo. O anonimato deve contemplar não só o material escrito, mas também relatos verbais da informação recolhida durante as observações” (p. 77).

Seguindo as questões éticas foi solicitada autorização aos responsáveis por cada criança entrevistada. Essa autorização foi oficializada por meio de um documento de Consentimento (Anexo I) para cada criança. Esse documento incluiu uma breve descrição do estudo, o compromisso que os dados serão fornecidos de forma anônima e espontânea, além de utilizados apenas para fins acadêmicos. Além disso, todos os responsáveis consentiram verbalmente em participar das entrevistas. Os mesmos foram informados que todos participariam de livre e espontânea vontade, e que as entrevistas seriam gravadas. Para respeitar o anonimato das crianças e dos responsáveis participantes, foram utilizadas as siglas C e P, que significam respectivamente, Criança e Pai. Para individualizar os participantes, cada sigla foi seguida de um número distribuído de maneira aleatória.

Além do consentimento dos pais, também foi solicitado autorização verbal da própria criança para participar da pesquisa. Esta autorização, ainda que informal, foi essencial devido ao caráter deste estudo, que entende crianças como sujeitos ativos e protagonistas da suas vidas. Todas as crianças aceitaram em colaborar com pesquisa. As entrevistas ocorreram com as crianças em suas próprias residências e toda a interação foi realizada de maneira virtual devido a pandemia da COVID-19. Devido a interação virtual, não foi possível verificar o comportamento e expressões das crianças.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a apresentação dos objetivos desta pesquisa e como foram realizados a coleta e análise dos dados, exponho neste capítulo as análises e interpretações realizadas. Os resultados obtidos foram divididos em dois grupos: Respostas das crianças (4.1) e Respostas dos pais (4.2); e são apresentados a seguir.

4.1 Respostas das crianças

4.1.1 Perfil das crianças entrevistadas

Catorze crianças foram entrevistadas para este estudo. A idade, gênero, local de nascimento e período que estão vivendo em Portugal são descritos na Tabela 1.

Tabela 1. Perfil individual das catorze crianças entrevistadas para este estudo.

Crianças	Idade	Gênero	Onde Nasceu	Ano na escola	Período vivendo em Portugal (em meses)
C1	14	M	São Paulo	9	30
C2	10	F	São Paulo	5	30
C3	10	F	São Paulo	5	30
C4	12	M	Rio de Janeiro	7	31
C5	17	F	Rio de Janeiro	10	32
C6	6	F	Rio de Janeiro	1	27
C7	9	F	Rio de Janeiro	3	27
C8	13	F	Rio de Janeiro	8	21
C9	13	M	Ceará	8	20
C10	11	M	São Paulo	6	18
C11	9	M	Rio de Janeiro	4	20
C12	17	M	São Paulo	12	17
C13	15	F	São Paulo	9	17
C14	6	M	Espirito Santo	Pré	15

Sete das crianças entrevistadas são do gênero masculino e sete do gênero feminino, com idades variando entre seis e dezessete anos. A maioria das crianças entrevistadas nasceu na região sudeste do Brasil, com destaque para São Paulo e Rio de Janeiro, com seis crianças de cada estado; além de uma criança do estado de Espírito Santo. Apenas uma única, entre as entrevistadas, nasceu no nordeste brasileiro, no estado de Ceará.

4.1.2 Migração

Todas as crianças entrevistadas relataram ter migrado para Portugal com a família, assim como terem participado de conversas em que os pais explicaram os motivos e razões da mudança de país. No entanto, nem todas as crianças tinham uma real percepção da distância física entre Brasil e Portugal, sendo que apenas três relataram ter consciência dessa distância.

Quando as crianças foram questionadas sobre a distância entre os dois países, foram encontrados vários relatos relacionados a emoções como a saudade da família deixada no Brasil e a ansiedade ocasionada por essa distância, como:

“Não, no começo não. Achei que seria mais fácil visitar o Brasil.” (Relato da criança C9)

“Tinha, e era o meu maior medo, meu maior receio. . . era a coisa que mais me torturava, ficar longe.” (Relato da criança C13)

A decisão da mudança de país, geralmente é tomada pelos pais e tem pouca ou nenhuma participação dos filhos, o que pode gerar diversos tipos de sentimentos, positivos e negativos. Entre as crianças entrevistadas, foram encontrados sentimentos controversos sobre essa mudança, sendo que os mais comuns foram tristeza, relatada por oito crianças e felicidade, indicada por sete crianças. É interessante ressaltar que muitas vezes as crianças entrevistadas relataram sentimentos controversos, como a tristeza por deixar amigos e família, mas a felicidade pelas novas oportunidades de descobrimento, como indicado nos seguintes relatos:

“Fiquei feliz, mais triste por deixar meus amigos e família.” (Relato da criança C9)

“Fiquei um pouco triste pois iria ficar longe da família e dos amigos, mas ao mesmo tempo era uma experiência de vida nova.” (Relato da criança C10)

“Triste e feliz, porque eu ia ficar longe da família por um bom tempo, e feliz porque eu ia fazer novos amigos.” (Relato da criança C11)

Outro ponto importante é que três das crianças relataram apenas sentimentos negativos com a mudança, incluindo tristeza, ansiedade e revolta. A declaração mais negativa veio da criança C13, que relatou:

“Fiquei triste, com raiva, fiquei tudo assim, revoltada. Eu não queria.” (Relato da criança C13)

Mudanças podem ser desafiadoras, especialmente durante a infância. Em um âmbito psicológico e emocional, a criança precisa lidar com a perda de amigos e familiares e com o medo de não ser aceito em um novo grupo. É importante que as crianças possam expressar seus sentimentos e opiniões para suas famílias, sendo protagonistas nas decisões relacionadas à mudança (Comissão Mundial sobre as Imigrações Internacionais, 2005). Essas conversas ajudam a criança a entender que esse rompimento com seus países de origem é temporário e que essa conexão pode ser reestabelecida no futuro (Ramos, 2004).

As crianças entrevistadas também foram questionadas sobre os aspectos favoritos em Portugal. A maioria parece gostar de suas novas vidas, sendo que a segurança e tranquilidade são os principais aspectos indicados como favoritos em Portugal. Diversas respostas relataram a importância da segurança, como:

“Aqui as pessoas são legais e mais honestas.” (Relato da criança C1)

“Não tem roubo.” (Relato da criança C2)

“Não tem ladrão e é tranquilo.” (Relato da criança C3)

“Eu gosto da minha independência, acho que no Brasil não fazia isto. Aqui eu não tenho medo de andar sozinha e saio com os meus amigos.” (Relato da criança C14)

O Estatuto dos Direitos Fundamentais das Crianças (UNICEF, 2009) aborda a importância da segurança na infância fazendo menção a uma política de proteção integral que deve:

. . . refletir de maneira articulada e sistemática os compromissos do Estado e a sociedade com o cumprimento dos direitos das crianças e dos adolescentes através das políticas setoriais de saúde, educação, desporto, cultura, recreação, jogo, trabalho, segurança social, proteção especial e promoção da liberdade, responsabilidade e autonomia pessoal. (UNICEF, 2009).

No entanto, essa não é a realidade de crianças e adolescentes Brasileiros, que crescem em contato diário com a violência. Segundo dados do índice de homicídios na adolescência (IHA, 2014), ferramenta desenvolvida pela UNICEF, é estimado que 43 mil adolescentes entre doze e dezoito anos sejam assassinados no Brasil entre 2015 e 2021. Apesar desses números refletirem a realidade de crianças mais pobres e com menores condições financeiras que as entrevistadas neste estudo, é alarmante o impacto da violência durante a infância. Segundo Miranda (2011):

O medo da violência está diretamente relacionado à incerteza e à insegurança. O medo e a sensação de insegurança hoje, embora existam em todos os tipos de relação social, tornam-se mais evidentes quando se apresenta o fator violência. (Miranda, 2011)

Uma das principais rotas de fuga da violência Brasileira encontradas por famílias com maior poder aquisitivo e/ou melhores oportunidades de trabalho tem sido a migração para outros países, sendo que Portugal é frequentemente indicado como um país tranquilo e seguro, assim como indicado pelos relatos das crianças. A família imigrante tende a sentir que a segurança oferecida por países como Portugal compensa eventuais desafios e dificuldades que crianças e adultos possam encontrar (Candau, 2008; Hall, 2003).

Quando questionadas sobre aspectos da nova vida que não gostam, a maioria das crianças entrevistadas relatou ter dificuldades com a comida e o sotaque dos portugueses, duas crianças relataram as pessoas e uma os costumes como maiores desafios. Esses aspectos indicam dificuldades com a cultura Portuguesa por parte das crianças Brasileiras. Um dos relatos mais graves foi indicado pela criança C8, que relatou ter sofrido preconceito por ser Brasileira:

“Os meus amigos achavam que eu era bandida, ou roubava, ou eu era prostituta, alguma coisa assim. Eu sofri muitos preconceitos por ser brasileira. Não é por causa do país necessariamente eu seria alguma coisa assim.” (Relato da criança C8)

A adaptação a novas culturas é sempre desafiadora. A principal dificuldade das crianças entrevistadas é relacionada a alimentação, sendo que durante as entrevistas, muitas crianças relataram não gostar das sopas servidas antes do prato principal nas refeições escolares. Essa é uma dificuldade cultural, relacionada ao fato que no Brasil não é comum o consumo diário de sopa. Outras dificuldades culturais são refletidas nas dificuldades que as crianças enfrentaram com as pessoas e o sotaque português, o que também inclui palavras iguais com significados diferentes entre os dois países.

Nesse contexto fica clara a necessidade de uma abordagem intercultural, onde a criança possa não apenas se adaptar à nova cultura, mas que também possa ser ouvida e compreendida. Essa abordagem é interessante não apenas para a criança imigrante, mas também para seus colegas e professores, em um processo de mútuo aprendizado (Candau, 2008a; Silva, 2007; Vieira, 1999).

4.1.3 Vida escolar

É importante ressaltar que todas as crianças entrevistadas estudaram em escolas privadas no Brasil, que tendem a ter metodologias construtivistas e acolhimento constante dos pais. Na época da entrevista, todas as crianças estudavam em escolas públicas portuguesas. A maioria das crianças entrevistadas relatou gostar da escola portuguesa, sendo que apenas uma indicou gostar razoavelmente.

Quando as crianças foram questionadas se gostavam dos professores, a maioria respondeu que sim; ou que sim, mas não de todos. Nenhuma das crianças entrevistadas relatou não gostar de todos os professores, porém, entre as crianças entrevistadas, duas indicaram problemas relacionados ao fato de professores que gritam com os alunos:

“Mais ou menos eles gritam muito.” (Relato da criança C8)

“Não muito, eles gritam muito.” (Relato da criança C10)

Um outro relato interessante foi de uma criança que gostava da maioria dos professores, porém teve problemas com um professor por preconceito contra meninas:

“Teve um professor que fazia muita discriminação e tudo mais, ele era machista, mas eles falam coisas que não foi legal assim, mas de resto os outros são legais.” (Relato da criança C13)

Todas as crianças relataram gostar dos funcionários das escolas, porém a criança C10 relatou que os funcionários são muito bravos. Esses relatos deixam claro novamente a necessidade de abordagens interculturais em ambientes multiculturais, como a escola que recebe crianças imigrantes. É importante que as crianças sintam que podem se expressar no ambiente escolar, sem receio de professores ou funcionários.

4.1.4 Vida social no meio escolar

As crianças também foram questionadas sobre a adaptação com colegas nas novas escolas. A maioria relatou ter muitos colegas na escola, mas duas crianças relataram o oposto. Uma das crianças que relatou não ter muitos colegas na escola indicou a dificuldade pelo preconceito, e a presença do sentimento de medo:

“Não, por causa do preconceito, eu senti medo.” (Relato da criança C8)

As crianças também foram questionadas sobre dificuldades em fazer novos colegas. Seis responderam não ter tido dificuldades, seis relataram o oposto, e duas indicaram dificuldade moderada. Metade das crianças entrevistadas que disseram ter tido dificuldades em fazer novos colegas na escola portuguesa, relataram ter encontrado apenas uma dificuldade inicial:

“Só no começo.” (Relato da Criança C1)

“. . . no começo, mas agora não.” (Relato da Criança C4)

“. . . no começo eu não entendia muito o que eles falavam.” (Relato da Criança C10)

Uma outra criança relatou uma dificuldade cultural, por considerar os colegas portugueses educados, porém distantes:

“. . . eles me tratam bem dentro da sala de aula, mas fora da sala eles são fechados.”
(Relato da criança C12)

Entre as crianças que disseram não ter tido dificuldades em fazer novos colegas, um relato se destaca:

“Não tive dificuldade, tive muitos amigos brasileiros, na escola”. (Relato da criança C13)

Os últimos dois relatos indicam uma possível dificuldade de adaptação a cultura e costumes portugueses. Enquanto uma das crianças relata ter tido dificuldade com a distância dos colegas, a outra relata não ter tido dificuldades por ter vários colegas brasileiros. Essas dificuldades são comuns e até mesmo esperadas em uma realidade multicultural, pois o encontro de várias culturas pode trazer a insegurança e o medo do desconhecido. É importante que educadores trabalhem os interesses dos educandos abordando temas da multiculturalidade e interculturalidade, mostrando o quão enriquecedora pode ser essa troca para ambas as nacionalidades (Candau, 2008a, Candau, 2008b)

Quando questionadas sobre a nacionalidade dos colegas da escola portuguesa, a maioria relatou a convivência com colegas Portugueses e Brasileiros. No entanto, algumas crianças estavam inseridas em salas apenas com colegas Portugueses e uma criança relatou que os colegas eram apenas Brasileiros.

4.1.5 Diferenças e desafios na vida escolar da criança imigrante

As crianças também foram questionadas sobre diferenças entre a escola portuguesa e a escola brasileira. Apenas uma das catorze crianças entrevistadas relatou não ter sentido nenhuma diferença entre as escolas. Entre as diferenças encontradas foram relatadas dificuldades em relação ao método utilizado nas escolas, e diferenças culturais e sociais.

Entre as diferenças de método nas escolas foram indicadas a quantidade de matérias e atividades oferecidas, tempo na escola, uso de uniformes, didática dos professores e brincadeiras permitidas:

“Não dão muita matérias, como no Brasil.” (Relato da criança C3)

“Não usar uniforme, e aqui a gente fica o dia inteiro na escola.” (Relato da criança C7)

“A matéria é muito mais complicada aqui.” (Relato da criança C8)

“Tive dificuldade com as matérias, o jeito deles ensinarem, aqui é mais complicado.”

(Relato da criança C9)

“Sim, a escola aqui é bem maior, tem mais coisas pra fazer.” (Relato da criança C11)

“Aqui as pessoas são bem soltas. No Brasil eles não deixavam a gente correr no corredor.”

(Relato da criança C13)

Os sistemas de educação brasileiro e português são ligeiramente diferentes, o que já causa certo estranhamento às crianças imigrantes. Em Portugal, o sistema educativo é enquadrado legalmente pela Lei 46/86, de 14 de outubro (Portugal, 2002). A escolaridade é dividida em duas etapas: o ensino básico, que corresponde a três ciclos sequenciais, tendo o 1º ciclo a duração de quatro anos letivos; o 2º ciclo dois anos letivos e o 3º ciclo três anos letivos; e o ensino secundário que corresponde a um ciclo de três anos. No Brasil, o sistema educacional é regulamentado pela Lei 9.394/96 (Brasil, 1996). A educação básica é composta pela pré-escola, com duração de três anos; pelo ensino fundamental, com duração de nove anos; e pelo ensino médio, com duração de três anos.

Além do sistema educacional, outras diferenças podem ser notadas, como o uso obrigatório de uniformes na maioria das escolas particulares brasileiras, o uso do espaço dentro das escolas e a diferença de período em que os alunos permanecem nas escolas. É interessante ressaltar que a indicação dessas diferenças não as qualifica como boas ou ruins, mas apenas refletem e ressaltam as diferenças organizacionais do ensino entre os dois países.

Em relação à cultura e sociedade, foram encontrados relatos de diferenças sobre ordem, comida e pessoas:

“Portugal tem mais ordens.” (Relato da criança C1)

“Sim muita. A comida é melhor.” (Relato da criança C2)

“No Brasil a pessoa era mais legal, aqui é mais chata.” (Relato da criança C6)

“No Brasil as pessoas são mais simpáticas do que aqui, e não julgam muito. Aqui eles julgam muito as pessoas pela aparência e pelo país delas. Acho que lá no Brasil é bem melhor pra mim.” (Relato da criança C8)

“Comida boa, e professores gentis que não gritassem tanto.” (Relato da criança C10)

“Lá no Brasil os professores eram meus amigos, eu sinto muita falta disto aqui. Lá no Brasil é mais humano e mais amor. Aqui eu não chegaria assim, pra contar alguma coisa.”
(Relato da criança C13)

Esses relatos destacam que alguns professores Portugueses são percebidos como pessoas menos gentis e que gritam em sala de aula, inspirando receio e falta de confiança. Essa percepção é influenciada pela experiência anterior dessas crianças com a metodologia mais pessoal e acolhedora utilizada pela maioria dos professores em escolas particulares brasileiras. Porém é importante ressaltar que situações por professores menos gentis também ocorrem no Brasil, mas são menos comuns (Scarlanatto et al., 2010; Brasil, 1990).

Considerando que crianças em idade escolar são fortemente influenciadas pelos seus educadores e professores, é recomendado que as abordagens possam transmitir segurança para as crianças e que evitem qualquer tipo de agressividade verbal. Segundo Santos (2001), a violência verbal exercida por professores ocorre pela necessidade de poder. Sendo assim, uma possível solução para essas situações é o ensino de como lidar com as dificuldades em sala de aula, desde a formação dos professores (Scarlanatto et al., 2010), formando assim cidadãos mais conscientes do papel do diálogo em situações de impasse.

Quando questionadas sobre coisas que tinham em suas escolas no Brasil que gostariam que tivessem na escola portuguesa, apenas duas crianças relataram não sentir falta de nada. Duas crianças relataram sentir falta de usar um uniforme em suas atividades diárias, sendo que um relato descreveu que isso ajudaria a evitar julgamentos pelos colegas:

“Uniforme, aqui julgam muito você pelo que você veste.” (Relato da criança C13)

O uso de uniformes em escolas brasileiras é obrigatório na maioria das escolas particulares no Brasil, como uma forma de segurança e igualdade, evitando rivalidades e

competições em relação as vestimentas e gerando uma sensação de pertencimento do aluno em relação a escola (Costa, 2014). Por outro lado, a liberdade de não utilizar uniformes no ambiente escolar pode contribuir como meio de comunicação e integração a grupos específicos; além de contribuir na não padronização de gêneros (Menezes, 2019; Ziger & Bortoleto, 2020).

Outros relatos foram relacionados a questões emocionais mais complexas, como a relação mais pessoal entre professores e alunos nas escolas brasileiras, e a saudade dos amigos que ficaram no Brasil:

“ . . . a relação entre aluno e professor.” (Relato da criança C12)

“ . . . professores gentis que não gritassem tanto.” (Relato da criança C10)

“ . . . queria apenas os meus amigos do Brasil.” (Relato da criança C8)

Alguns dos relatos foram relacionados a brincadeiras e atividades que eram realizados no Brasil, mas não em Portugal:

“Poder escolher o cardápio” (Relato da criança C1)

“ . . . tem um escorregador que eu queria ter aqui.” (Relato da criança C2)

“ . . . na minha escola do Brasil tinha um aquário. Eu queria que aqui também tivesse.”
(Relato da criança C11)

“A festa de pijama e ficar acordado até tarde.” (Relato da criança C14)

Quando questionadas sobre situações e brincadeiras que tenham passado na escola portuguesa e que não tenham gostado, apenas três crianças responderam que não tinham nada a referir. Duas das crianças afirmaram ter passado por esse tipo de situação, mas não quiseram as detalhar. Três crianças descreveram situações de conflitos desagradáveis, porém comuns em escolas:

“Sim, não eram dos meus colegas. Era do meu irmão que eles ficavam tratando mal.”
(Relato da criança C2)

“Sim, os meninos brincam com bola e já jogaram na minha cara a bola.” (Relato da criança C6)

“Sim, a pessoa não queria mais ser minha amiga, e no outro dia ela estava sozinha e no outro dia ela queria ser minha amiga de novo.” (Relato da criança C7)

No entanto alguns relatos revelaram situações mais graves, envolvendo preconceito:

“. . . comentário sempre tem, perguntas sem sentidos e comentários com duplo sentido. Eles imaginam que o Brasil é só futebol, samba e tudo isto, então eu procurava manter um limite, e me respeitaram.” (Relato da criança C13)

“. . . foi uma brincadeira que falaram, não me lembro muito bem, mas era alguma coisa que brasileiro que pegava as coisas. Um amigo meu achou uma coisa e eu disse se eu podia pegar, e ele disse que não, pois brasileiro pegava as coisas. Eu fiquei bem chateado, mas eu procuro não ficar lembrando muito destas coisas.” (Relato da criança C10)

“. . . ouve muitas vezes, mas a que mais me chateou foi quando fui em um passeio de campo . . . e me chamaram de puta. Este dia fiquei muito chateada, sem entender por que me chamaram assim.” (Relato da criança C8)

Segundo Oliveira e Gomes (2012):

Os bullies são extremantes perspicazes, no reconhecimento das suas vítimas. Escolhem pessoas que são ou estão fragilizadas por algum motivo ou que têm características diferentes do grupo. Outras que são tímidas, retraídas, passivas, submissas, com dificuldades de defesa, de expressão e de relacionamento, crianças com necessidades educativas especiais, pessoas obesas, magras demais, negras, que usam óculos, com orientação sexual diferente, etc. São muito habilidosos no ato de intimidação, sabendo reconhecer o calcanhar de Aquiles de cada uma das suas vítimas. (p. 7)

Sendo assim, crianças imigrantes são comumente assediadas por estarem fragilizadas pela mudança. Apesar de muitas escolas se preocuparem com essa temática, é comum que a criança assediada não busque ajuda por medo ou vergonha, o que pode ser exacerbado em situações que as crianças tem receio dos professores, como retratado em vários relatos das crianças entrevistadas. Uma abordagem intercultural pode ser uma importante ferramenta no combate ao bullying de crianças imigrantes, promovendo igualdade e integração entre crianças de diferentes nacionalidade.

As crianças entrevistadas também indicaram suas maiores dificuldades na escola portuguesa, sendo que as matérias e o sotaque dos professores foram as mais escolhidas. Curiosamente, quando questionadas sobre o que acharam mais fácil na escola portuguesa, cinco das crianças entrevistadas indicaram as matérias estudadas. Quatro das crianças também consideraram fácil de fazer novas amizades em suas escolas, e três gostaram da metodologia de ensino da escola, como relatado pela criança C10:

“Os horários, são bem divididos, de acordo com a matéria, na educação física temos tempo ate de tomar banho, e das mudanças de mudar de sala eu gostei muito. Aqui vamos ate a sala onde o professor estava nas aulas anteriores e bem legal.” (Relato da criança C10)

4.1.6 Sonhos e aspirações

As catorze crianças entrevistadas também relataram seus planos para o futuro. Apesar de duas crianças terem respondido não saber o que querem, as outras relataram diversos sonhos para o futuro, incluindo carreiras como jogador de futebol, cantora, designer, veterinário, profissional de informática, e de teatro.

Uma criança (C14) manifestou claramente que seu plano é ser rico, enquanto a outra (C2) manifestou apenas o desejo de ser feliz. Três crianças manifestaram o sonho de trabalhar e viver em Portugal, ou ao menos permanecer na Europa:

“Não pensei sobre isto, quero ficar aqui em Portugal e fazer coisas legais.” (Relato da criança C4)

“Pretendo ser veterinário, gosto muito de animais, eu me vejo cuidando de animais, pretendo continuar aqui mesmo em Portugal.” (Relato da criança C9)

“Me imagino formado até os próximos 15 anos, e pretendo continuar na Europa.” (Relato da criança C12)

Duas crianças relataram o desejo de voltar ao Brasil, mas também estão abertas a viver outros países:

“Eu acho quando eu ficar mais velha, eu não vou poder ficar em casa vendo tv, terei que sair para trabalhar, e quando estiver mais velha vou voltar para o Brasil, ou morar nos Estados Unidos ou no Canadá.” (Relato da criança C8)

“Eu espero estar no Brasil ou nos Estados Unidos, trabalhando com informática.” (Relato da criança C10)

Duas das crianças entrevistadas manifestaram o desejo de sair de Portugal, mesmo sem ter certeza de para qual local querem ir:

“Eu me vejo formada, mas não me imagino em Portugal, eu não consigo ter uma visão ampla em ficar aqui, eu ainda não sei onde quero estar.” (Relato da criança C13)

“Quero fazer faculdade de teatro, pretendo estudar fora de Portugal, aqui estou aprendendo uma cultura diferente, que vai me ajudar para eu ir para outro país.” (Relato da criança C5)

A mudança de país tende a ser um momento desafiador na vida de uma criança, mas também leva a um amadurecimento e enriquecimento cultural e emocional. Muitas crianças imigrantes tendem a permanecer nos novos países, se estabelecendo como cidadãos integrados a sociedade. É importante ressaltar que uma educação multicultural e intercultural é desejável, não apenas sob a perspectiva de integração da criança imigrante, mas para crescimento e troca entre diferentes culturas (Candau, 2008b).

4.1.7 Análise das Entrevistas às crianças

As respostas obtidas com as crianças indicaram uma adaptação da nova realidade escolar para a maioria dos entrevistados. As crianças relataram a superação de desafios relacionados a migração com a adaptação a fatores como a língua, a cultura, a gastronomia, o espaço escolar, os professores e os colegas, como relatado pela criança C12 “... *eles me tratam bem dentro da sala de aula*”.

Por outro lado, também encontramos duas crianças que relataram sofrer algum tipo de preconceito, como relatado pelas crianças C8 e C10 (“... *me chamaram de puta*” e; “... *brasileiro que pegava as coisas.*”). Encontramos também respostas que mostraram o quão complicada e desafiadora é a adaptação ao novo país, como relatado pela criança C10 em relação ao sotaque dos Portugueses (“*no começo eu não entendia muito o que eles falavam*”). Diversas crianças relataram sentimentos como solidão, saudade e medo, indicando a dificuldade de adaptação ao novo país, especialmente em relação ao ambiente escolar, como relatado pelas crianças C8 e C9, que relataram respectivamente: “*a matéria é muito mais complicada aqui*”, e; “... *o jeito deles ensinarem, aqui é mais complicado*”. Também encontramos uma criança (C13) que não queria sair do Brasil e que descreve seus sentimento como “*Fiquei triste, com raiva, fiquei tudo assim, revoltada. Eu não queria*”.

As informações obtidas com as crianças entrevistadas indicam a importância da interculturalidade e do multiculturalismo dentro do ambiente escolar. Diversas experiências relatadas poderiam ser reduzidas ou até mesmo evitadas com uma integração adequada das crianças. É importante ressaltar que essa integração deve ser um esforço conjunto de família, educadores e colegas, promovendo assim uma sociedade mais justa.

4.2 Respostas dos pais

4.2.1 Perfil dos pais entrevistados

Os pais das crianças entrevistadas também foram ouvidos, totalizando nove mulheres e dois homens Brasileiros vivendo em Portugal (Tabela 2).

Tabela 2. Perfil dos pais entrevistados

Pais	Gênero	Idade	Profissão
P1	M	52	Analista de Sistemas
P2	F	56	Advogada
P3	F	57	Relações Humanas
P4	F	32	Fisioterapeuta
P5	F	34	Fisioterapeuta
P6	F	50	Fotógrafa
P7	F	55	Professora
P8	M	59	Empresário
P9	F	41	Administradora de empresa
P10	F	40	Advogada
P11	F	32	Farmacêutica

4.2.2 Migração

Quando questionados sobre o motivo da migração de pais, nove pais responderam que foi a falta de segurança no Brasil. Dois pais também incluíram o desejo por uma maior qualidade de vida para si mesmos e suas famílias. Dez dos onze pais também afirmaram ter conversado com as crianças durante a preparação para a migração. Entre os relatos se destacam o desejo por uma vida melhor e mais segurança:

“Falamos sobre no Brasil não dava mais para viver e ter uma vida digna, e que tínhamos a oportunidade de nos mudar e tentar a vida em outro país.” (Relato da mãe P3)

“. . . conversei explicando a situação atual do Brasil, a falta de emprego de meu marido, e que pensamos em sair para esta experiência.” (Relato da mãe P7)

“Falei da possibilidade de vivermos em um país onde encontraríamos segurança e que ele poderia sair sozinho.” (Relato do pai P8)

“. . . conversei com as crianças, falando sobre a violência. Eu sofri um assalto antes de vir, o que motivou muito mais nossa vinda.” (Relato da mãe P9)

“... conversamos muito, explicamos os motivos e principalmente sobre a violência, e que passaríamos um tempo, íamos ver se íamos gostar, e que eu iria estudar, e que seria uma experiência nova em outro país.” (Relato da mãe P10)

Esses relatos destacam novamente a busca pela segurança como principal motivo de imigração do Brasil para Portugal, que é comumente visto como uma boa escolha por Brasileiros devido a facilidade com a língua. A maioria dos pais também indicou o diálogo com os filhos no processo de imigração, o que é essencial no processo de aceitação da mudança. O protagonismo infantil em situações familiares decisivas é recomendado, e está relacionado a uma maior aproximação entre crianças e adultos (Pires & Branco, 2007).

Quando questionados sobre a aceitação dos filhos em relação a mudança de país, foi relatado um padrão geral de contentamento dos filhos, sendo que um dos pais (P3) relatou que a criança se sentiu eufórica. Dois pais relataram relutância por parte da criança e apenas um dos pais (P7) indicou que a criança se sentiu descontente:

“Minha filha não queria vir de jeito nenhum. Não queria deixar os amigos que desde o primeiro ano estavam juntos. Para ela foi muito doído.” (Relato da mãe P7)

Um ponto se destaca nessa questão é que oito das crianças entrevistadas relataram ter se sentido tristes com a mudança, mas esse sentimento não foi muito valorizado nas declarações dos pais. Duas opções parecem plausíveis para explicar essa diferença: a primeira é que as crianças não manifestaram seus anseios e angústias com os pais; e a segunda e mais provável, é que os pais, focados na busca por uma vida melhor para seus filhos, tenham atentado apenas aos sentimentos positivos das crianças.

Os pais também foram questionados se encontraram dificuldades para matricular seus filhos nas escolas portuguesas. A maioria relatou não ter tido dificuldades, mas dois relatos se destacam pelos desafios encontrados pelos pais:

“Tive muita dificuldade, pois cheguei quando as aulas já haviam dado início.” (Relato da mãe P5)

“Sim, quando cheguei tinha uma escola em frente à minha residência, e não queriam matricular meu filho nesta escola. Disseram que não havia vaga, e que ele iria para uma escola a quinze minutos de minha casa de carro. Eu fui ao agrupamento e disse que isto era impossível, pois não podiam fazer isto. Como ele viria da escola? E mais ainda, havia outras escolas mais próximas de minha residência. Até que abriram uma vaga na escola de frente a minha residência. Mas precisei brigar, isto me incomodou um pouco.” (Relato do pai P8)

Os relatos de dificuldade não refletem uma diferença entre o sistema brasileiro e português de matrícula em escolas públicas. Através do serviço de agrupamento escolar, as crianças são encaminhadas para as escolas com vagas mais próximas a suas residências. Esse estranhamento por parte dos pais imigrantes pode ser um reflexo de que as crianças estudavam em escolas privadas no Brasil, onde os pais podem decidir onde a criança irá estudar.

4.2.3 Integração e vida social das crianças na escola portuguesa

Os pais foram questionados sobre a integração da criança na escola portuguesa. A maioria dos pais respondeu que a integração foi boa, sendo que o acompanhamento por uma colega Portuguesa foi bastante apreciado por um dos pais:

“Gostei, pois colocaram uma colega portuguesa para acompanhar minha filha no período em que ela deu início, e na sala também tinha algumas colegas brasileiras e elas acolheram minha filha também.” (Relato da mãe P7)

Entre os pais que sentiram algum tipo de dificuldade foram relatados diversos conflitos de adaptação com a escola e/ou professores:

“Esperava mais, eu tinha lido muitas coisas, que a diretora colocaria uma tutoria que ficaria com meu filho, isto não ocorreu, mas no mesmo dia ele saiu com colegas.” (Relato da mãe P3)

“Na primeira escola não tivemos nada, a professora era muito cansada e não dava muita atenção. Na segunda escola já foi melhor.” (Relato da mãe P4)

“Bem difícil. Aqui ela passava o dia na escola. Ela sofreu muito, aqui tem que dormir a tarde e ela não dormia e acabava ficando nervosa. A professora aqui grita muito, são muito rudes, e minha filha sofreu. A escola aqui corria muito e ela queria fazer atividades. Ela mudou de ano e agora está bem mais feliz.” (Relato da mãe P5)

“Sim, os dois foram integrados, mas eu me senti bem distante, pois eles não procuram os pais para conversar. Nós sabemos as coisas pelas crianças.” (Relato da mãe P9)

O relato de maior dificuldade de integração é o da mãe P6, que relata o caso de preconceito contra mulheres e meninas Brasileiras:

“Foi muito difícil, pois na primeira escola ela sofreu muito. Alguns jovens aqui têm muito preconceito com o brasileiro, e muito com a mulher brasileira. Minha filha passou por um grande preconceito, que foi muito difícil eu passar por isto. Em um passeio minha filha foi dançar pois estava tocando uma música e algumas portuguesas também subiram no palco para dançar com ela. Um colega de turma resolveu gravar um vídeo, e este vídeo acabou circulando, acabaram chamando ela de puta e até falaram que iriam violar ela, os meninos, algo muito agressivo. Sei que existe um certo preconceito com a imigração, mas não pensei que seria a este ponto. Para mim foi muito triste. Fazemos a ideia de que na Europa as pessoas são mais evoluídas e mais respeitadoras, e na verdade demonstrou para mim que é bem ao contrário, o preconceito aqui é muito forte com a mulher e com a criança brasileira. Pedi uma reunião com a diretora de turma e ela me acolheu e não podia fazer nada pois isto ocorreu fora da escola. A diretora de turma me auxiliou e conversou com a turma, entrou em contato com a mãe do menino e a mãe dele fez ele pedir desculpas, mas a agressão foi algo que não vamos esquecer.” (Relato da mãe P6)

A representação social de mulheres e meninas Brasileiras em Portugal é intensamente estereotipada como mulheres exóticas, definidas principalmente pelo erotismo e prostituição (Gomes, 2011; Neves et al., 2016). A quebra desse estereótipo é complexa, pois envolve não apenas educadores e estudantes, mas toda a sociedade e veículo de comunicação. No entanto, uma vez que crianças nas escolas estão em processo de formação de futuros cidadãos, é

necessário abordar as questões de opressão de gênero e nacionalidade, contribuindo para uma sociedade mais justa (Silva & Mendes, 2015).

Os pais também foram questionados se observaram situações de conflito dos seus filhos nas escolas portuguesas. Apesar da maioria dos pais indicarem não terem percebido situações de conflito, cinco relataram ter presenciado algum tipo de dificuldade, sendo que dois relatos indicam problemas com as professoras Portuguesas:

“Sim, na primeira escola a professora era muito agressiva. Ela tinha medo de perguntar as dúvidas, e a da professora gritar com ela ou ofender, igual a professora fazia com os outros alunos, bater na cabeça, puxar a orelha, isto era para chamar atenção. Ninguém chega perto da criança para conversar, eles gritam muito, nesta nova ainda gritam, mas já não batem. Isto já melhorou um pouco, eu sinto muita falta deste carinho que no Brasil o professor tem.” (Relato da mãe P4)

“Sim, principalmente com a primeira professora” (Relato da mãe P5)

Os pais também foram questionados se foram integrados sobre estrutura, funcionamento, atividades e cursos oferecidos pela escola. Apesar da maioria ter respondido positivamente, quatro dos pais indicaram não terem passado por esse tipo de integração. Quando questionados sobre diferenças entre as escolas brasileiras e Portuguesas, o principal fator indicado é a relação mais próxima entre professores e alunos, além de professores e pais, no Brasil:

“. . . aqui os professores são distantes do aluno.” (Relato da mãe P3)

“A escola do Brasil acolhe mais, tem mais carinho, mais cuidado e mais amor ao próximo, aos amigos, preocupação. Aqui é cada um por si. Aqui se ela não comer a sopa ninguém ajuda, raramente ajudam uma vez. Aqui eles têm outra visão de deixar a criança se desenvolver sozinha. Eles não ensinam primeiro. O que eu mais sinto falta e deste carinho, desta relação com a criança, isto faz muita falta.” (Relato da mãe P4)

“No Brasil eles abraçam muito a criança que está chegando. Aqui eles são diferentes, não tem muito isto.” (Relato da mãe P7)

“. . . no Brasil, e os professores são mais acolhedores.” (Relato do pai P8)

“As informações no Brasil eram mais diretas com os pais. Aqui eu sinto muito solta no que está acontecendo, eu fico muito no pé das professoras aqui, para saber das coisas. No Brasil os professores procuram os pais e tem uma boa abertura nesta relação.” (Relato da mãe P9)

“Sim, eu senti um certo distanciamento entre os pais e os educadores, entregamos as crianças no portão e ele entra, os recados são de bocas.” (Relato da mãe P11)

Outro relato que se destaca é a valorização da cultura por parte do ensino nas escolas portuguesas:

“O modelo de educação aqui é muito diferente do Brasil. No Brasil eles antecipam muito principalmente a alfabetização, aqui focam outras coisas até chegar na alfabetização. Aqui eles se preocupam muito com o cultural. Isto eu achei muito interessante, eles saem com as crianças... Isso gostei muito.” (Relato da mãe P5)

A mãe P3 também indicou a diferença entre os sistemas de ensino nas escolas Brasileira e Portuguesa:

“particular com metodologia construtivista e aqui tradicional” (Relato da mãe P3)

A relação entre pais e professores tende a ser complexa e emocional (Lasky, 2000), o que pode ser exacerbado em situações de diferentes culturas e nacionalidades. Alguns dos aspectos indicados como dificuldades por parte dos pais imigrantes são novamente relacionados ao fato que as crianças estudavam em escolas privadas no Brasil, que oferecem acolhimento constante aos pais, enquanto na escola pública (brasileira ou portuguesa), os pais só têm contato com os professores em reuniões marcadas.

Quando questionados sobre a atuação dos colaboradores da escola na integração das crianças imigrantes, a maioria dos pais entrevistados relatou um apoio por parte dos funcionários, sendo que apenas dois pais relataram não ter tido esse suporte e dois relataram um apoio

mediano. Quando questionados se a escola foi acolhedora com as crianças, apenas quatro responderam afirmativamente.

A maioria dos pais também relatou que os filhos tiveram dificuldades para se integrar a nova escola, com exceção de quatro relatos de fácil adaptação. Entre os relatos de dificuldade são encontrados dificuldades em relação a colegas e novamente, a professores e método de ensino:

“Facilidade eu não diria, porque apesar de falar português há muita diferença, principalmente no início” (Relato da mãe P3)

“Aqui eles são mais rudes, e minha filha sofreu muito.” (Relato da mãe P5)

“Minha filha não conseguiu se integrar com a turma dela. Não foi só desse menino, teve com meninas também. Só teve duas amiguinhas na sala” (Relato da mãe P6)

“Minha filha teve dificuldade. Acho que o professor precisa ser respeitado, mas também precisa respeitar o aluno. Aqui falam muito que ajudam, mas acho que não é assim. Acho que precisam ter mais uma ligação e aproximação de professor e aluno. Eles dizem “olha eu tô aqui”, mas não estão. Precisam ser mais humanos. E falta um pouco de educação.”
(Relato da mãe P7)

Os pais também foram questionados se acreditam que seus filhos estejam tão integrados a escola portuguesa de maneira similar à quando estavam em escolas brasileiras. Sete relatos indicaram que acreditam que os filhos estejam bem integrados, apesar da mãe P4 indicar que a criança ainda não está plenamente integrada ao novo grupo:

“Sim, mas ainda falta muito de ser a segunda casa, como no Brasil.” (Relato da mãe P4)

O processo de integração é uma ação que deve ocorrer em conjunto, sendo que pais, educadores e funcionários das escolas tem o seu papel nesse processo. Pais precisam sempre estar atentos aos sinais de isolamento ou tristeza em seus filhos, enquanto professores e funcionários podem utilizar uma abordagem intercultural para acolhimento das crianças.

Essa abordagem pode seguir diversas metodologias, incluindo brincadeiras e esportes das diversas nacionalidades e culturas (Grando, 2010). É importante ressaltar que a abordagem

intercultural em um ambiente multicultural é benéfica não apenas para a criança imigrante, mas para todo o meio social onde ela está inserida. A troca de conhecimento e informações resulta em aprendizado, e principalmente em respeito.

4.2.4 Análise das entrevistas com os responsáveis

As respostas obtidas com os responsáveis pelas crianças indicaram que a busca por qualidade de vida foi o principal motivo de mudança para Portugal, como descrito pelo pai P8, que relatou o desejo de segurança para o filho (*“vivermos em um país onde encontraríamos segurança, e que ele poderia sair sozinho”*). No entanto, a maioria dos entrevistados relatou algum grau de insatisfação em relação ao acolhimento a seus filhos dentro de escolas Portuguesas, como a mãe P5, que afirmou que *“aqui eles são mais rudes”*, e da mãe P3, que descreveu que *“apesar de falar português, há muita diferença, principalmente no início”*.

Os motivos dessas insatisfações estiveram em geral relacionados a dificuldades de adaptação a nova cultura, especialmente em relação ao relacionamento entre pais e professores, como relatado pela mãe P3, que afirmou que *“aqui os professores são mais distantes do aluno”*, e pela mãe P11, *“senti um certo distanciamento entre os pais e os educadores”*. Além disso, uma das mães (P6) relatou ter acompanhado o preconceito vivenciado por sua filha em relação a sua nacionalidade *“Alguns jovens aqui têm muito preconceito com o brasileiro”*. Essas informações também reforçam a necessidade do multiculturalismo e da interculturalidade dentro do ambiente escolar, de maneira que os pais também possam compreender e participar ativamente da integração de seus filhos ao novo ambiente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo apresenta uma análise sobre a integração de crianças imigrantes Brasileiras em escolas portuguesas. A maioria das crianças pareceu estar bem integrada as suas escolas, porém, três crianças indicaram sentimentos como tristeza e raiva durante o processo de mudança e adaptação. No entanto, mesmo sentindo falta da família e amigos, a maioria apresenta perspectivas de continuar vivendo em Portugal ou em outros países, incluindo planos de estudo e trabalho.

As crianças também indicaram diversos aspectos positivos relacionados a mudança de país, como sentimentos de alegria por conhecer novos amigos e uma nova cultura. Porém também foi relatado preconceito relacionado ao machismo e a nacionalidade pelas crianças C8 (*“Eu sofri muitos preconceitos por ser brasileira”*) e C13 (*“Teve um professor que fazia muita discriminação e tudo mais, ele era machista”*), assim como pela mãe P6 (*“Alguns jovens aqui têm muito preconceito com o brasileiro”*). Essas respostas indicam a importância de um ambiente multicultural e intercultural para a criança imigrante em escolas.

No entanto, é importante indicar que algumas das dificuldades indicadas pelas crianças podem ser resultado não apenas das suas situações como imigrantes, mas também a mudanças de escola. Toda mudança do tipo é complexa, e envolve novas adaptações a professores e colegas, além da busca pela integração e o medo da rejeição pelo novo grupo. A mudança da escola gera muita insegurança, mesmo dentro de um mesmo país. Em uma perspectiva de imigração, esses desafios se tornam ainda maiores.

Os pais das crianças também relataram dificuldades no processo de integração da criança, sendo que o principal desafio relatado foi a interação com os professores e metodologia utilizada em escolas portuguesas. Essas dificuldades indicam a importância da integração não apenas das crianças, mas também dos pais. Além disso, é necessário que os pais entendam que as metodologias utilizadas são diferentes, mas ainda assim eficientes.

Crianças e pais compartilham a dificuldade em relação ao relacionamento menos pessoal entre professores e alunos, e professores e pais. Essas diferenças estão relacionadas não apenas às diferenças culturais entre Brasileiros e Portugueses, mas também ao fato que as crianças estudavam em colégios privados no Brasil, que possuem turmas reduzidas e muita abertura e acolhimento com os pais. Em Portugal, todas as crianças estudam em colégios públicos.

Crianças e pais também compartilham o sentimento de que Portugal ofereceu melhores possibilidades de qualidade de vida e segurança para as famílias imigrantes. Portugal é um país

que investe fortemente em educação, o que reverte em uma sociedade mais justa e com menor desigualdade. No entanto, para a formação de cidadãos que comporão a sociedade e a massa trabalhadora em alguns anos, é necessário um acolhimento adequado de criança imigrante na escola e na comunidade.

A integração das crianças em um ambiente multicultural é benéfica, não apenas para a criança imigrante, mas também para as crianças nativas, que trocarão conhecimento e cultura. Uma abordagem intercultural é recomendada, pois possibilita que as crianças possam compartilhar e trocar suas experiências e valores, contribuindo para o crescimento cultural e emocional de todo o grupo onde ela está inserida.

Os resultados aqui apresentados são uma visão parcial de crianças imigrantes brasileiras vivendo em Portugal. Os resultados encontrados indicam pontos que podem ser melhorados sobre a integração dessas crianças em escolas portuguesas. No entanto, é necessário ressaltar o privilégio desses imigrantes, por falarem a mesma língua do país onde estão inseridos. É recomendado que estudos futuros incluam aspectos sobre a integração de crianças imigrantes de outros países, especialmente aqueles que não falam português como língua nativa. Outros aspectos relevantes que podem ser abordados em estudos futuros são a relação entre gênero, raça e sexualidade de crianças e adolescentes imigrantes.

É importante ressaltar que este estudo não buscou indicar um modelo ideal de modelo de integração da criança ao ambiente escolar, ou afirmar que a perspectiva brasileira ou a portuguesa seja pior ou melhor. Ambos os modelos são válidos e possuem pontos fortes e fracos. O que este estudo indica, é que o multiculturalismo e a interculturalidade podem facilitar a integração da criança em ambiente escolar, sendo abordagens enriquecedoras para imigrantes e nativos.

Crianças imigrantes acolhidas em um ambiente intercultural auxiliarão no processo de evolução cultural da sociedade. Essas crianças também se tornarão cidadãos responsáveis que lutam por uma sociedade mais justa e inclusiva. Este estudo é uma ferramenta importante para a tomada de decisões, a construção de políticas públicas e a discussão de perspectivas de integração da criança imigrante dentro de escolas portuguesas.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amado, J., e Ferreira, S. (2017). A entrevista na investigação educacional. In J. Amado (Ed), *Manual de Investigação Qualitativa em Educação* (pp.207-232). Coimbra: University Press.
- Bae, C. J., Douka, K., e Petraglia, M. D. (2017). On the origin of modern humans: Asian perspectives. *Science*, 358, 1-7.
- Banks, J. A. (2008). *Uma introdução à educação multicultural*. 4 Ed., Boston: Pearson.
- Bardin, L. (1977) *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bogdan, R., e Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Botas, D., e Moreira, D. (2017). Crianças imigrantes: um cenário de integração na escola do 1º ciclo. *Seção de Pôster apresentado no Congresso Internacional Migrações e Relações Interculturais na Contemporaneidade*, Lisboa, PT. Consultado em Novembro, 17, 2020 em https://www.researchgate.net/publication/328354240_Crianças_imigrantes_um_cenário_de_integracao_na_escola_do_1_ciclo .
- Campos, C. J. G. (2004). Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira Enfermagem*, 57, 611-614.
- Candau, V. M. (2008a). Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. *Revista Brasileira de educação*, 13, 45-56.
- Candau, V. M. (2008b). Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In V. M. Candau, A. F. Moreira (Eds.), *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas* (pp. 13-37). Petrópolis: Vozes.
- Candau, V. M. (2011). Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. *Currículo sem fronteiras*, 11, 240-255.
- Candau, V. M. (2012). Diferenças Culturais, Interculturalidade e Educação em Direitos Humanos, *Educação & Sociedade*, 33, 235-250.
- Castles, S. (2010). Entendendo a migração global: uma perspectiva desde a transformação social. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 18, 11-43.
- Correia, C., e Neves, S. (2011). Ser brasileira em Portugal – uma abordagem às representações, preconceitos e estereótipos sociais. In V. Oliveira, E. Leandro, J. Amaral (Eds), *Migração: múltiplos olhares* (pp. 157-185). São Carlos: Editora da UNIR-EDUFRO.
- Cortesão, L., e Pacheco, N. A. (1991). O conceito de educação Intercultural - interculturalismo e realidade portuguesa. *Inovação*, 4, 31-44.

- Costa, K. (2014). *Quando o uniforme escolar não é o limite. Possibilidades de pertencimento e transformações*. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização), Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil.
- Cultura (2021). No Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis. Recuperado de <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cultura/>.
- Damázio, E. S. P. (2008). Multiculturalismo versus interculturalismo: por uma proposta intercultural do Direito. *Desenvolvimento em Questão*, 6, 63-86. Consultado em outubro, 22, 2020 em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=75211183004>.
- Fernandes, D., e Vasconcellos, I. R. P. (2005). Proposta para a Inserção da Variável Migração em Sistemas de Indicadores Municipais. *São Paulo em Perspectiva*, 19, 121-132.
- Freire, P. (1979). *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e terra.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1997). *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- Grando, B. S. (2010). *Jogos e culturas indígenas: possibilidades para a educação intercultural na escola*. Cuiabá: EdUFMT.
- Hall, S. (2003). *Da diáspora*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Healy, C. (2011). *Cidadania portuguesa: A nova lei da nacionalidade de 2006*. Lisboa: Observatório da Imigração.
- Hortas, M. J. (2013). *Educação e Imigração: A integração dos alunos imigrantes nas escolas do Ensino Básico do Centro Histórico de Lisboa*. Lisboa: Observatório da Imigração.
- Ketzer, L. S., Salvagni, J., Oltramati, A. P., e Menezes, D.B. (2018). Imigração, Identidade e Multiculturalismo nas organizações Brasileiras. *Interações*, 19, 679-696. Consultado em outubro, 02, 2020 em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-70122018000300679&lng=en&nrm=iso.
- Lasky, S. (2000). The cultural and emotional politics of teacher–parent interactions. *Teaching and Teacher Education*, 16, 843-860.
- Laville, C., e Dionne, J. (1999). *A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Leite, C. (2002). *O Currículo e o Multiculturalismo no Sistema Educativo Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Melo, D. L. B., e Cano, I. (2017). *Índice de homicídios na adolescência: IHA 2014*. Brasília: Observatório de Favelas.
- Menezes, C. A. A. (2019). *Rasgando uniformes e descosturando normas de gênero no espaço escolar*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Brasil.
- Mioto, B. T. (2008). *Movimentos Migratórios em Santa Catarina no Limiar do Século XXI*. Monografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
- Miranda, M. M. (2011). Sociedade, violência e política de segurança pública: da intolerância à construção do ato violento. *Revista Eletrônica Machado Sobrinho*, 1.
- Miranda, S. F. (2001). *Educação Multicultural e Formação de Professores*. Dissertação de Mestrado, Universidade Aberta, Porto, Portugal.
- Moreira, A. F. B., Candau, V. M. (2003). *Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos*. *Revista Brasileira de Educação*, 23, 156-168.
- Oliveira, J. R., e Gomes, M. A. (2012). Bullying: Reflexões sobre a violência no contexto escolar. *Revista Educação por Escrito – PUCRS*, 2. Consultado em Janeiro, 13, 2021 em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/7947/7475>.
- Patarra, N. L., e Fernandes, D. (2011). Brasil: país de imigração. *Revista Internacional em Língua Portuguesa–Migrações*, 3, 65-96.
- Pires, S. F. S., e Branco, A. U. (2007). Protagonismo infantil: co-construindo significados em meio às práticas sociais. *Paidéia*, 17, 311-320.
- Ramos, N. (2001). Comunicação, cultura e interculturalidade: para uma comunicação intercultural. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 2, 155-178.
- Ramos, N. (2008). *Saúde, Migração e Interculturalidade e Cidadania* Universidade Aberta. Editora Universitária UFPB. Consultado em novembro, 17, 2020 em <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/6831/1/Sa%C3%BAde%20Migra%C3%A7%C3%A3o%20e%20Interculturalidade%20%283%29.pdf>
- Ramos, N. (2011). *Educar para a interculturalidade e cidadania: Princípios e desafios*. In Alcoforado, L. et al. (Eds), *Educação e formação de adultos: políticas, práticas e investigação*, 189-200. Coimbra: Ed. Universidade de Coimbra. Consultado em novembro, 17, 2020 em <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/5834/1/Educar%20para%20a%20interculturalidade.pdf>
- Relatório da Comissão Mundial Sobre as Migrações Internacionais (2005). *As migrações num mundo interligado: Novas linhas de ação*. Consultado em dezembro, 18, 2020 em https://www.iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/policy_and_research/gcim/GCIM_Report_Complete_PT.pdf.

- Romero, P. E. B. (2017) *Multiculturalismo: Diversidade cultural na escola*. Dissertação de Mestrado. Universidade Fernando Pessoa Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Porto, Portugal. Consultado em dezembro, 12, 2020 em https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/6269/1/DM_Patricia%20Elizabeth%20Benitez%20Romero.pdf.
- Santos, B. S. (2003). *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Santos, J. L. (2017). *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- Santos, J. V. T. D. (2001). A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias. *Educação e Pesquisa*, 27, 105-122. Consultado em dezembro, 14, 2020 em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022001000100008&lng=pt&tlng=pt.
- Sayad, A. (1998). *A imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo: Edusp.
- Scarlatto, E. C., Carlindo, E. P., e Silva, M. (2010). *Violências por professores/as contra seus/as alunos/as*. *Revista LEVS*, 6, 90-101.
- Silva, M. D. C. V. (2008). *Diversidade cultural na escola: encontros e desencontros*. Lisboa: Edições Colibri.
- Silva, T. T. (2007). *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Editora Autêntica.
- Sousa, D. C. (2018). Comunicação (não verbal): competência central em RH. *Conferência- Investigação e Intervenção em Recursos Humanos*, 7. Consultado em maio, 01, 2021 em <https://doi.org/10.26537/iirh.vi7.2708>.
- Sousa, J. F. (2017). *Direito À Comunicação Social No Brasil*. Joinville: Clube de Autores. Consultado em dezembro, 05, 2020 em <https://url.gratis/OCYaN>.
- Tolentino, N., Rocha, C., Tolentino, C., e Peixoto, J. (2011). Migração, remessas e desenvolvimento em África: o caso dos países de língua portuguesa. *Revista Internacional em Língua Portuguesa*, 24, 23-45.
- Tourinho, N. C. B. (2016). *Integração de Crianças Brasileiras no primeiro Ciclo do Ensino Básico Português*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, Portugal.
- Vieira, F. C. Q. R. (2011). *A educação intercultural: um contributo fundamental para o desenvolvimento pessoal e social do aluno*. Dissertação de Mestrado. Universidade da Beira interior Covilhã, Portugal.
- Vieira, R. (1999). Ser inter/multicultural. *A página da educação*, 78, 20.

Weissmann, L. (2018). Multiculturalidade, transculturalidade, interculturalidade. *Construção psicopedagógica*, 26, 21-36.

Witt, M. A. (2014). Sobre escravidão e imigração: relações interétnicas. *Revista História: Debates e Tendências*, 14, 21-35.

Ziger, L., e Bortoleto, E. J. (2020). Aspectos da moda no espaço escolar: inclusão, identificação e exclusão. *Revista de Ensino em Artes, Moda e Design*, 4, 201-209.

Legislação

Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1.

Lei nº. 31/2002, de 20 de dezembro de 2002. Aprova o sistema de educação e do ensino não superior, desenvolvendo o regime previsto na Lei nº 46/86, de 14 de outubro (Lei de Bases do Sistema Educativo). Diário da República, Lisboa, 1. série A, n. 294, p. 7952-7954. Consultado em outubro, 13, 2020 em http://www.gave.min-edu.pt/np3content?newsId=31&fileName=lei_31_2002.pdf.

ANEXO I - CONSENTIMENTO

CONSENTIMENTO INFORMADO

Gilda da Silva de Seixas, pedagoga, aluna do Mestrado em Estudos da Criança- Supervisão, Pedagogia e Interculturalidade na Infância, no Instituto de Educação da Universidade do Minho - venho solicitar a participação da criança sob sua responsabilidade para participar da pesquisa de Integração de crianças imigrantes brasileiras em escolas portuguesas.

A participação da criança neste estudo é espontânea, não sendo oferecida nenhuma remuneração ou gratificação. Contudo, a colaboração da criança contribuirá para a compreensão da integração das crianças imigrantes nas escolas portuguesas.

Será realizado uma entrevista gravada em áudio com a criança e caso deseje, poderá receber a cópia da transcrição da entrevista para aprovar seu conteúdo. A identidade da criança será preservada com a utilização de pseudónimos em todos os materiais resultantes da investigação. A qualquer momento poderá solicitar novas informações sobre a presente investigação, bem como cancelar a participação da criança.

A par de todas estas informações, pelo presente termo de consentimento informado e esclarecido eu, _____ (nome), declaro que fui informado (a) dos objetivos da pesquisa acima descrita de maneira clara e detalhada. A pesquisadora Gilda da Silva de Seixas se colocou à disposição para posteriores esclarecimentos pelo telefone 927776531 ou por e-mail gildaseixas@hotmail.com.

Declaro, por fim, que recebi cópia deste Termo de Consentimento.

Braga, de agosto de 2020.

Assinatura do (a) Responsável

Gilda da Silva de Seixa
(Aluna Mestrado do IE/UM)